

# O cristianismo como estilo e Igreja em saída: convergências entre a teologia de Christoph Theobald e a perspectiva eclesial do Papa Francisco

*Christianity as a style and an outgoing church: convergences between Christoph Theobald's theology and Pope Francis' ecclesial perspective*

Pedro Rubens Ferreira Oliveira  
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, Pernambuco, Brasil

Anne Claude Marie Genolini  
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, Pernambuco, Brasil

## Resumo

Os autores levantam a hipótese de uma convergência entre a teologia de Christoph Theobald e a Igreja em saída do Papa Francisco. O artigo parte do itinerário do teólogo europeu para identificar os traços biográficos de uma nova maneira de fazer teologia caracterizada como uma teologia “em saída”. Na sequência, a reflexão abre três dossiês com base, fundamentalmente, em três obras para destacar as evoluções do pensamento theobaldeano. Primeiro mostra-se como o autor encara os desafios do crer e da transmissão da fé na pós-modernidade. Segundo: trata-se a questão doutrinal do autor, objeto da principal crítica feita à sua teologia. Enfim, apresenta-se uma reflexão na qual Christoph Theobald, apoiando-se em algumas expressões-chaves do Papa Francisco, postula a necessária e urgente transformação missionária da Igreja.

## Abstract

The authors hypothesize that there is a convergence between the theology of Christoph Theobald and the church that goes forth of Pope Francis. The article sets off from the itinerary of the European theologian to identify the biographical traces of a new way of doing theology characterized as a theology "that goes forth". Then the reflection opens three dossiers fundamentally based on three works to highlight the evolution of Theobaldean thought. First is presented the way the author faces the challenges of belief and transmission of faith in the post-modern world. Secondly, the doctrinal issue of the author is approached, object of main criticism to his theology. Lastly, a reflection made by Christoph Theobald is presented, under certain key expressions of Pope Francis, reaffirming the necessary and urgent transformation of the Church.

## Palavras-chave

Igreja.  
Estilo.  
Missionariedade.  
Em saída.  
Vaticano II.

## Keywords

Church.  
Style.  
Missionary.  
To go forth.  
Vatican II.

## Introdução

Em um dos últimos livros de Christoph Theobald, *Urgences pastorales du moment présent*<sup>1</sup> (THEOBALD, 2017), aparece mais claramente a feliz convergência entre a perspectiva de uma “Igreja em saída”, segundo o Papa Francisco, e a percepção do autor quanto à necessidade de uma profunda conversão missionária da Igreja. Nessa aproximação entre o teólogo e o Papa, postulamos que a reflexão theobaldeana assume o caráter de uma teologia “em saída”, tanto na forma quanto no conteúdo.

O pensamento de Christoph Theobald já é conhecido ou acessível no Brasil por conta do intercâmbio do mundo acadêmico, mas, sobretudo, graças a algumas palestras que ele proferiu no país (2009 e 2012), além de livros e artigos traduzidos nesta última década<sup>2</sup>. No entanto, importa começar esta reflexão apresentando alguns aspectos de seu itinerário para melhor identificar os traços biográficos de uma nova maneira de fazer teologia que, à luz do Papa Francisco, pode ser caracterizada como uma teologia “em saída”. Em seguida, nós nos apoiaremos, basicamente, em três obras para destacar as evoluções de seu pensamento. Detalharemos, primeiro, a sua reflexão central sobre os desafios do crer e da transmissão da fé na pós-modernidade, a partir dos dois volumes de sua importante obra *Le Christianisme comme style*<sup>3</sup> (THEOBALD, 2007). Abordaremos, na sequência, a questão doutrinal do autor, objeto da principal crítica feita à sua teologia, tomando aqui como referência o livro *Selon l'Esprit de sainteté*<sup>4</sup> (THEOBALD, 2015). Enfim, trataremos do livro *Urgences pastorales du moment présent* (THEOBALD, 2017), no qual o autor apoia-se sobre algumas expressões-chaves do Papa Francisco para pensar e defender a necessária e urgente transformação missionária da Igreja: Theobald

---

<sup>1</sup> Tradução: Urgências pastorais do momento presente.

<sup>2</sup> Christoph Theobald veio ao Brasil em 2009 e 2012 e proferiu palestras na Unicap (Recife), na PUC-Rio, na FAJE (BH), na FEI/Pateo do Collegio SP) e no Instituto Humanitas da Unisinos. Na PUC-Rio, a teologia dele foi objeto de um seminário de pós-graduação, em 2017. Diversos artigos dele ou sobre ele encontram-se no site da IHU-online e na Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP.

<sup>3</sup> Tradução: O cristianismo como estilo.

<sup>4</sup> Tradução: Segundo o Espírito de Santidade.

---

Fronteiras, Recife, v. 2, n. 1, p. 90-114, jul./dez., 2019

pensa a partir do contexto europeu, deixando a outros teólogos a tarefa de pensar a partir de suas realidades.

Neste artigo, não se trata de comparar o pensamento do papa e do teólogo, mas de fazer uma releitura da teologia de Christoph Theobald a partir da exortação do Papa Francisco à Igreja, ressaltando alguns pontos de convergência e diálogo entre os dois.

## **Um itinerário pessoal configura uma nova maneira de fazer teologia**

Parafrazeando Johann Baptist Metz, toda teologia é uma autobiografia<sup>5</sup>. Nesse sentido, Christoph Theobald costuma falar de sua vida como itinerário<sup>6</sup> e mostrar a coerência que aparece ao reler o percurso. Retomemos aqui apenas alguns elementos biográficos significativos do ponto de vista da nossa hipótese da teologia “em saída” como uma das características de um novo modo de fazer teologia.

Christoph Theobald nasceu na Alemanha, em 1946, de pai católico e de mãe luterana. Iniciou uma formação universitária em teologia em Bonn, logo depois do Concílio Vaticano II, em 1966. A partir de 1970, sai de seu país natal para continuar sua formação na França, onde entrou em maior contato com os jesuítas. Fez sua tese de doutorado sobre o pensamento de Maurice Blondel e o “modernismo”<sup>7</sup>. Embora de origem alemã, entrou na Companhia de Jesus na Província da França, em 1978. Tornou-se Professor - agora emérito - de teologia

---

<sup>5</sup> A Laudatio de J. B. Metz a K. Rahner, por ocasião dos 70 anos, tinha como título “Karl Rahner: uma vida teológica. Teologia como biografia mística de um cristão hoje”. Publicada em “Stimmen der Zeit, maio de 1974, p. 305-316.

<sup>6</sup> Ler a entrevista que o jesuíta deu à revista teológica *Lumière et vie* em 2009 e que foi traduzida no Brasil (Disponível em: [http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2813&section=308](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2813&section=308)). Essa entrevista foi enriquecida pelo próprio teólogo três anos depois, quando fez uma releitura de seu itinerário ao receber o título de Doutor Honoris Causa na Universidade de Laval (THEOBALD, 2012).

<sup>7</sup> “A palavra ‘modernismo’ não existia, no vocabulário católico, antes de 1904 (quando aparece pela primeira vez na Itália), mas ela cresce rapidamente a partir do momento em que o Papa Pio X a consagra em sua encíclica *Pascendi*” (THEOBALD, 2007, p. 211).

fundamental e dogmática nas Faculdades Jesuítas de Paris<sup>8</sup> e, desde 1985, escreve na revista *Recherches de Sciences Religieuses* (RSR), da qual está como redator-chefe. Entre 1994 e 2004, foi membro do conselho da revista *Concilium*, ocasião em que veio ao Brasil pela primeira vez e, sobretudo, espaço que o permitiu encontrar, com frequência, diversos outros teólogos, como Johann Baptist Metz, Elisabeth Schüssler-Fiorenza, Oscar Beozzo e Gustavo Gutiérrez. Atualmente é membro do comitê científico da *Fondazione per le scienze religiose* (Bolonha, Itália). Entre suas obras, destacam-se pesquisas e publicações sobre a história dos dogmas, o Concílio Vaticano II e no campo da estética. Reconhecido e apreciado internacionalmente, Christoph recebeu, em 2011, o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Laval (Canadá) e, em 2018, da Universidade Católica de Louvain (Bélgica). Além de inúmeras atividades acadêmicas, sempre manteve um acompanhamento pastoral e pesquisas em teologia prática, notadamente com estudantes e cientistas na França, com a Igreja da Argélia (1997-2001) e com cristãos de Limoges, região rural no centro da França, onde está a serviço da formação permanente dessa diocese.

Esse rico percurso traduz, igualmente, uma maneira pessoal e original de fazer teologia, da ordem de um novo paradigma teológico<sup>9</sup> caracterizado por três dimensões principais: pastoral, “gerativa”<sup>10</sup> e estilística.

A dimensão pastoral se refere ao princípio de pastoralidade<sup>11</sup> do Concílio Vaticano II, que se tornou normativo para Christoph Theobald: fundada

---

<sup>8</sup> O Centre Sèvres, Faculdades Jesuítas de Paris, propõe uma formação que integra, simultaneamente, estudos de filosofia e teologia, onde Christoph Theobald começou a ensinar em 1980.

<sup>9</sup> Continuamos aqui, de maneira despretensiosa, o trabalho de caracterização que ele mesmo começou a fazer. No seu livro *Le christianisme comme style* ele aponta cinco paradigmas teológicos do século XX, a saber: paradigma “histórico-hermenêutico”, “transcendental” (Rahner), “estético” (Urs von Balthasar), “prático-narrativo” e “intercultural e inter-religioso” (THEOBALD, 2007, p. 180-181).

<sup>10</sup> Escolhemos adotar a tradução que se encontra no Caderno Teologia pública nº77 (THEOBALD, 2013). Para saber mais sobre o conceito de “engendrement” na teologia de Christoph Theobald, ler a dissertação de mestrado de Anne Claude Marie Genolini: “Pensar a fé e sua transmissão em um mundo que nunca mais será cristão: uma leitura da teologia de Christoph Theobald”, p.19.

<sup>11</sup> Gilles Routhier propõe uma definição da pastoralidade do Vaticano II que esclarece bem o que está em jogo: “A pastoralidade implementada em Vaticano II, antes de ser um estilo de discurso, corresponde em primeiro lugar ao encontro e à consideração do destinatário ou do receptor, de suas perguntas e de seu ponto de vista. Em outras palavras, ela é determinada

no *modus agendi* do próprio Cristo e de seus apóstolos (DH, 11), a “pastoralidade” é uma maneira de proceder que implica escutar a Palavra de Deus e, ao mesmo tempo, escutar-se mutuamente e perceber os acontecimentos do mundo; portanto, a escuta da Palavra de Deus não pode ser separada de um discernimento concomitante dos “sinais dos tempos”<sup>12</sup>. Esse modelo pastoral implica, portanto, o diálogo na reciprocidade, os diagnósticos histórico e teológico dos tempos atuais à luz das Sagradas Escrituras, e uma maneira de falar não somente a partir de si mesmo, mas a partir do olhar exterior. Isso é uma convicção adquirida desde sua primeira pesquisa sobre a crise modernista que destacou quanto um discurso eclesial perde sua pertinência e sua credibilidade quando fala somente a partir de si e como se a sociedade fosse inteiramente impregnada da mesma cultura católica. Portanto, o autor procurou sempre dialogar com cientistas - sem renunciar aos questionamentos sobre o limite da legitimidade do discurso científico -, com teólogos de outros continentes - sem perder sua raiz europeia<sup>13</sup> - e outras confissões cristãs - sem negar sua pertença católica -, com cristãos vivendo sua fé em contextos muito diferentes - fiel à grande tradição cristã de “dar razões de nossa esperança” (1Pd 3,15). Segundo Christoph Theobald, o desafio atual da teologia - ou das teologias - é libertar a identidade cristã da sua matriz mediterrânea e permitir assim uma inculturação maior. Outro desafio é a complexidade dos problemas ecológicos que faz com que uma reflexão teológica em âmbito internacional seja necessária. Podemos dizer que a

---

pela relação com o outro, porque essa maneira de se envolver na relação com os outros introduz, em troca, um questionamento sobre a sua própria fé, bem como uma outra maneira de falar. É, portanto, essa mudança na relação com o outro que leva a uma inversão na forma do discurso.” (ROUTHIER, 2011, p. 448-449, tradução nossa).

<sup>12</sup> Christoph THEOBALD, *Le christianisme comme style. Une manière de faire de la théologie en postmodernité*, Paris: Éditions du Cerf, 2007, p. 159-165. Ver também a palestra proferida pelo autor, na Universidade Católica de Pernambuco, sob o título de “Vaticano II: do “concílio pastoral” à “pastoralidade conciliar”, artigo publicado em nossa revista on line: cf. [http://unicap-cursodeteologia.blogspot.com.br/2012/10/normal-0-21-false-false-false-pt-br-x\\_12.html](http://unicap-cursodeteologia.blogspot.com.br/2012/10/normal-0-21-false-false-false-pt-br-x_12.html).

<sup>13</sup> Sobre a necessidade da Europa refletir a partir de seu próprio contexto, diz Christoph Theobald em um prefácio: “A característica fortemente contextualizada de seu percurso fundamental nos convida, com efeito, a ver com olhos novos o nosso próprio contexto. Não estou seguro que a teologia fundamental na Europa tenha levado em conta as transformações que, nos últimos anos, aconteceram no seio de suas sociedades”. RUBENS, Pedro. *Discerner la foi dans des contextes religieux ambigus. Enjeux d’une théologie du croire*. Paris: Éditions du Cerf, 2004, p. VIII.

pastoralidade é, fundamentalmente, um “sair para” comunicar o Evangelho. Isso requer do teólogo um movimento de sair de sua sala de aula ou do seu escritório para ir ao encontro dos outros, ouvi-los e compreendê-los.

Nesse sentido, podemos fazer o paralelo com a Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium* (VG, 2017). Nesse texto, encontram-se quatro “critérios fundamentais em vista a uma renovação e um relançamento da contribuição dos estudos eclesiais para uma Igreja em saída missionária” (VG, 4), dentro dos quais “o diálogo sem reservas”, “a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade” e, no fim do prólogo, a “pastoralidade” é de novo sublinhada como imprescindível:

A teologia e a cultura de inspiração cristã estiveram à altura da sua missão quando souberam, de forma arriscada e fiel, viver na fronteira. “As questões do nosso povo, as suas aflições, batalhas, sonhos, lutas, preocupações possuem um valor hermenêutico que não podemos ignorar, se quisermos de verdade levar a sério o princípio da encarnação. As suas perguntas ajudam-nos a questionar-nos, as suas questões interrogam-nos. Tudo isto nos ajuda a aprofundar o mistério da Palavra de Deus, Palavra que exige e pede que se dialogue, que se entre em comunhão (VG, 5).

O caráter “gerativo”, segunda dimensão, diz respeito à preocupação do autor em fazer uma teologia capaz de produzir um conteúdo novo - e não só comentários de grandes teólogos - a partir do que nasce no mundo e na Igreja. De fato, se os seus estudos na Alemanha permitiram a ele, de um lado, ter um conhecimento aprofundado dos grandes teólogos, e, por outro lado, proporcionaram, ao mesmo tempo, uma experiência de “laboratório vivo”, com muitos debates geradores de novos pensamentos, como ele mesmo diz (THEOBALD, 2012, p. 320). Podemos associar também esse princípio gerativo ao quarto critério da *Veritatis Gaudium*, a saber “a necessidade urgente de “criar rede” entre as várias instituições [...] em todas as partes do mundo, [...] com a finalidade de estudar os problemas de grandeza epocal que hoje investem a humanidade, chegando a propor pistas oportunas e realistas de resolução” (VG, 4).

Os estudos eclesiais não se podem limitar a transferir conhecimentos, competências, experiências para os homens e mulheres do nosso tempo, desejosos de crescer na sua consciência cristã, mas devem abraçar a tarefa urgente de elaborar instrumentos intelectuais capazes de se proporem como paradigmas de ação e pensamento [...] (VG, 5).

O princípio gerativo corresponde à meta da teologia que, segundo o autor, é o cumprimento da profecia de Jeremias: “Ninguém mais precisará ensinar ao seu próximo ou ao seu irmão, dizendo: “Procure conhecer a Javé”. Porque todos, grandes e pequenos, me conhecerão” (Jr 31,34a). Em outras palavras, a teologia deve permitir ao leitor/ouvinte apropriar-se da reflexão, tornando-os capazes de falar de Deus e da fé com suas próprias palavras, a partir de sua própria experiência pessoal. Percebe-se aqui, na vida do teólogo, a influência clara dos Exercícios Espirituais de Inácio de Loyola, que são como “um livreto feito para uma música e diálogos que ele não dá. Ele se coordena num *hors-texte* que é, no entanto, essencial. Ele também não toma o lugar deste essencial. Ele não se substitui às “vozes”<sup>14</sup>. A dimensão gerativa é, portanto, um “sair para” garantir a fecundidade da fé. Fecundidade que não pode acontecer sem a ação do Espírito Santo. Por essa razão, o teólogo deve sair do esquema kantiano, da vontade de encaixar os conceitos dentro de um sistema fixo.

Em relação ao terceiro princípio, a opção de Christoph Theobald por designar o cristianismo como “estilo” tem como consequência que a teologia deve seguir essa mesma lógica. Certamente, o conhecimento do teólogo em musicologia e sua visão estética, tornaram-no mais sensível à questão da forma e do estilo<sup>15</sup>. Isso exige estar sempre atento à coerência entre a forma e o conteúdo. Trata-se, sobretudo, de tomar distância com relação ao conteúdo em vista de encontrar uma forma de transmissão adequada à cultura e ao contexto dentro do qual o teólogo está inserido. O princípio estilístico é, portanto, um “sair para” a libertação da fé do assoreamento que o impede de

<sup>14</sup> CERTEAU, Michel de. L'espace du désir ou le «fondement» dans les Exercices spirituels. In: **Christus**, Paris, v.20, n.77, p. 118, janeiro 1973.

<sup>15</sup> Em um número da revista RSR sobre teologia e arte, o autor anuncia a categoria de estilo que se tornará central em sua reflexão: THEOBALD, C. Le christianisme comme style. In: **RSR** 85/4, 1997, p. 589-600.

ter acesso à fonte: é preciso sair, temporariamente, do quadro seguro do dogma e da concepção da religião como pertença a um grupo identitário para fazer uma experiência fundante. Aliás, etimologicamente, a palavra experiência sugere “sair” (*ex*) de um lugar para fazer um percurso dentro de um certo perímetro (*peri*) que se constitui em uma vivência refletida<sup>16</sup>.

Finalmente, as três características do itinerário teológico de Christoph Theobald indicam bem o caminho e as condições para fazer teologia nos tempos de uma “Igreja em saída”. Na verdade, não se trata somente de uma metodologia, mas também de uma postura, de uma nova mentalidade. Isso está presente na própria definição de estilo como “maneira de habitar o mundo” (THEOBALD, 2010, p.11)<sup>17</sup>. É importante, porém, esclarecer dois pontos. Primeiramente, quando se fala de Igreja em saída, trata-se de um duplo movimento, isto é, sair de um lugar “para” outro: o Papa Francisco não fala sobre a saída da Igreja sem indicar uma nova direção (AQUINO, 2017 e 2009), pois ele insiste na saída para as “periferias geográficas e existenciais” (EG 20). No caso da teologia em saída de Christoph Theobald, o movimento significa, principalmente, a teologia sair de seus esquemas conceituais para tornar possível a transmissão da fé em um contexto no qual a linguagem, os símbolos e os valores cristãos não fazem mais sentido<sup>18</sup>. O segundo ponto diz respeito a um risco: a insistência sobre a saída poderia ofuscar a importância da interiorização, da reflexão. Sem o movimento de vai e vem, o teólogo corre o risco de tornar-se uma concha vazia.

Depois de esboçar um perfil do autor e de sua maneira de fazer

---

<sup>16</sup> Sobre a noção de experiência ver o magistral artigo de Henrique Cláudio de Lima Vaz, A linguagem da experiência de Deus, in Id., *Escritos de filosofia. I. Problemas de fronteiras*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 241-256.

<sup>17</sup> A definição é de Maurice Merleau-Ponty. Por ocasião da passagem de Christoph Theobald pelo Recife, um número da *Revista de Teologia e Ciências da Religião da Unicap* (Ano 9, no 1, jan/jun 2010) teve por tema “Arte e Transcendência: um modo de habitar o mundo”, em interlocução com o artigo dele: O cristianismo como estilo: acerca do papel dos indivíduos e das comunidades na formação dos sujeitos, op. cit., p.9-25 (tradução de Véronique Donard).

<sup>18</sup> Nessa mesma perspectiva, França Miranda, em seu último livro, no intuito de oferecer critérios para o discernimento e compreensão do momento atual provocado pelo Papa Francisco, faz um diagnóstico do tempo presente e conclui com uma reflexão sobre a necessidade e urgência de mudanças como nova estratégia de evangelização: a urgência de uma linguagem atualizada, a primazia do “vivido”, o amor fraterno na construção do Reino de Deus, um laicato missionário, uma Igreja futura diferente... Cf. *Ibid.*, *A Igreja em transformação. Razões atuais e perspectivas futuras*. São Paulo: Paulinas, 2019.

teologia, faz-se necessário apresentar a tese principal que nasceu de sua reflexão sobre os desafios do crer e da transmissão da fé na pós-modernidade.

## O Cristianismo como Estilo<sup>19</sup>

Se, frente à complexidade e à riqueza do pensamento de Christoph Theobald, podemos, às vezes, ter medo de cometer erros de interpretação, não há dúvida nenhuma sobre o coração de sua teologia. Até porque, em muitos livros, artigos e palestras, encontram-se diversas alusões a esse núcleo central a partir de prismas teológicos diferentes ou de experiências existenciais. A partir do diagnóstico histórico-teológico do tempo presente e realizando um retorno à fonte do Evangelho, surge uma proposta teológica nova que tem consequências eclesiais importantes, que não somente suscitaram incômodos, mas também foram objeto de controvérsias. Por esse motivo, o uso do mesmo vocabulário estilístico pelo Papa Francisco teve um significado muito especial para o nosso teólogo.

A obra *Le christianisme comme style* tem como subtítulo: “uma maneira de fazer teologia na pós-modernidade”. De entrada, é importante destacar que a tese do cristianismo como estilo parte do diagnóstico histórico-teológico do momento presente, não em sentido geral, mas situado no contexto europeu. E se antes o cristianismo podia, legitimamente, considerar-se como a matriz cultural do mundo europeu, hoje ele precisa reconhecer que sua tradição não passa de “uma” entre outras. Na Europa, chega-se a falar de “exculturação” do cristianismo, isto é, o cristianismo que, outrora, foi a matriz da cultura europeia, não somente perdeu completamente sua influência como também se tornou desconhecido. E essa evolução parece irreversível. A mutação é tão importante que ela exige reconstruir o edifício teológico, não a partir do conteúdo de nossa fé, mas a partir do próprio ato de crer. Pensar o ato de crer inclui o acesso à fé, a credibilidade da proposta e a fidelidade à tradição, em

---

<sup>19</sup> A apresentação da tese central do cristianismo como estilo se encontra em diversas obras e artigos, além dos dois volumes de *Le Christianisme comme style* (THEOBALD, 2007). Vale a pena citar, entre outros, dois livros que foram traduzidos e publicados no Brasil: *A Revelação* (THEOBALD, 2006) e *Transmitir um Evangelho de liberdade* (THEOBALD, 2009).

uma cultura pós-moderna<sup>20</sup> que fez implodir a estrutura sobre a qual estava fundada a transmissão da fé. A respeito do acesso à fé, além de estarmos em situação de primeira evangelização, estamos também em contexto de laicidade, que valoriza a liberdade de consciência e rejeita o proselitismo. Em termos de credibilidade, o argumento de autoridade, desde a modernidade, não funciona mais. A fé precisa de uma apropriação pessoal, que passa pela inteligência e pelos sentimentos, pela experiência. E o fato de o próprio indivíduo ser a referência, evidencia-se que “o ‘sentido’ só é crível se ele está encarnado em pessoas em relação” (THEOBALD, 2009, p. 13). No que diz respeito à fidelidade à tradição da Igreja, não basta mais reinterpretar o conteúdo da fé e traduzir em linguagem atual, pois, já que tudo que vem de fora, todo esse conteúdo que vem “pronto” corre o risco de não ser acolhido.

Frente a esse diagnóstico, o que propor? A dupla intuição de Christoph Theobald consiste, por um lado, em partir do que é comum a todos os seres humanos, a saber, o “crer” antropológico, a fé elementar na vida e, por outro lado, ele busca refletir sobre a “tradição” em termos de “transmissão de uma maneira de ser e de agir”, já que Jesus não escreveu nada<sup>21</sup>. Essa maneira de ser e agir, ou melhor de “habitar o mundo” (THEOBALD, 2012, p. 330) pode ser pensada a partir do conceito de estilo, tal qual foi desenvolvido por grandes nomes da filosofia e da teologia como Maurice Merleau-Ponty, Friedrich Schleiermacher e Hans Urs von Balthasar. A partir dessas duas intuições - crer como fé elementar na vida e pensar a tradição em termos de estilo - era preciso voltar à fonte do Evangelho<sup>22</sup>. Jesus, o Santo de Deus, é sempre em relação com

---

<sup>20</sup> Christoph Theobald apoia-se principalmente sobre as análises do filósofo Jürgen Habermas e da socióloga Danièle Hervieu-Léger.

<sup>21</sup> Além disso, o termo grego *paradosis* que se encontra em 1 Cor 11,23 e 1 Cor 15,1 e que foi traduzido por “tradição” significa também “entrega”. Por esta razão, segundo Christoph Theobald, tem um vínculo estreito entre a entrega do Cristo e a transmissão da fé (THEOBALD, 2015, p. 305 e 307).

<sup>22</sup> Importante notar como o concílio ecumênico Vaticano II, para superar a problemática das « duas fontes » (Tradição e Escrituras) que dividiu católicos e protestantes durante séculos, foca na centralidade do Evangelho e, para isso, retoma a expressão de Trento : « Por isso, o Cristo Senhor, em quem se consuma toda a revelação do altíssimo Deus (cf. 2 Cor 11,20 ; 3,16-4,6), ordenou aos Apóstolos que o EVANGELHO, prometido antes pelos Profetas, completado por Ele e por sua própria boca promulgado, fosse por eles pregado a todos os homens como FONTE de toda verdade salvífica e de toda disciplina de costumes [Trento, Dz 783 (1501)], comunicando-lhes dons divinos » (DV II, 7). Destaque nosso. Tradução: Anexo *Dei Verbum*, Pontifícia Comissão Bíblica, São Paulo: Loyola, 1994, p. 89-109.

o Pai e com os homens que ele encontra. Ele tem palavras e atitudes “hospitaleiras” capaz de despertar a fé elementar na vida, a coragem de ser em “qualquer” ser humano. É essa fé que o salva, como afirma Jesus, sem impor a essa pessoa de tornar-se discípulo. A hospitalidade<sup>23</sup> de Jesus é, pois, gratuita. Ela expressa a bondade original do Pai e sua promessa de vida. A santidade de Jesus se diz também por meio da coerência total entre suas palavras e seus atos. Ele é credível, autêntico. Assim, o estilo do Cristo pode-se definir pela hospitalidade e pela coerência. O Nazareno, porém, não quis ser o único a viver dessa maneira. Por sua vida e morte, ele gerou outros “adeptos do caminho” (At 9,2; 16,17, 18,25) e santos, os apóstolos que adoptaram o estilo do mestre até doarem suas próprias vidas. Os “*passseurs*<sup>24</sup>” são as pessoas que hoje vivem, de uma certa maneira, segundo o estilo de Jesus Cristo. Eles são essas pessoas em relação que encarnam o sentido da fé cristã porque são capazes de despertar a fé elementar na vida mediante atitudes hospitaleiras que respeitam a liberdade do outro. Desencadeia-se então um processo “gerativo” do qual pode nascer ou gestar uma comunidade, permitindo que aqueles que desejarem ir até a fonte da santidade tornem-se crentes.

Reunimos, assim, os elementos do núcleo central da tese de Christoph Theobald: no contexto atual, os cristãos são chamados a pensar a fé em termos de fé elementar na vida e a adoptar o estilo que Jesus Cristo transmitiu a seus discípulos. Esse estilo caracteriza-se pela hospitalidade, a coerência entre suas palavras e seus atos e o dom de sua vida para os outros. Tal maneira de habitar o mundo tem um poder gerativo e traduz-se, em última palavra, como “santidade”.

As implicações eclesiais dessa tese são enormes, levantando questões e questionamentos que devem ser considerados. Primeiro, definir e limitar a identidade cristã a um estilo implica considerar os outros marcadores de

---

23 “O cristianismo constrói-se do lado da hospitalidade”: eis o título de uma sessão do livro de José Tolentino Mendonça que, com outra linguagem, converge para definir o estilo do cristianismo, essencialmente, como hospitalidade. Ibid., *A Leitura infinita. A Bíblia e a sua interpretação*. São Paulo: Paulinas/Unicap, 2015, p. 197-200.

24 Embora seja um neologismo também em francês, e até por isso mesmo, guardarmos o termo “*passseur*” para nos fazer perceber melhor a novidade do autor. Infelizmente a edição brasileira do livro fez uma tradução literal (“passador”): Ibid., *Transmitir um Evangelho de liberdade*, p. 17s.

identidade como secundários ou não tão pertinentes. Mas, como fica, nesse caso, a pertença a uma comunidade e a prática sacramental? Para o teólogo, a hospitalidade tem um poder gerativo capaz de fazer nascer comunidades de fé. E a fé tem um poder criativo capaz de inventar um novo jeito de ser Igreja (“eclesiogênese<sup>25</sup>”), e de reapropriar-se das práticas litúrgicas e sacramentais. Um outro motivo de inquietação seria o risco de colocar os dogmas em segundo plano, enquanto, em outra hipótese, pareceria que eles constituem o coração da fé católica. Christoph Theobald, desde o início, porém, lembra que seu “esforço de reinterpretação global da fé no seio da sociedade atual” do ponto de vista estilístico não exclui os dogmas, mas implica revisitar a unidade da forma e do conteúdo (THEOBALD, 2009, p.8). Uma terceira consequência para a Igreja é que pensar a evangelização em termos de estilo - “uma maneira de habitar o mundo” - corre o risco de dissolução dos cristãos no meio da massa humana. Se o rebanho - já muito pequeno - é chamado a sair do seio da Igreja para estar no meio da multidão de ateus e, para isso, deixar de falar explicitamente de Jesus Cristo, apenas “habitando o mundo”, isso não significaria, concretamente, o fim da visibilidade da própria Igreja? Para o teólogo, no entanto, as parábolas do Reino nos convidam a acreditar no poder do fermento na massa e do grão de mostarda. De uma vez por todas, precisa-se compreender e aceitar que o tempo da cristandade acabou e não há possibilidade de retorno, o que significa, conseqüentemente, renunciar à glória humana do grande número e do poder. Por fim, interpretar os encontros de Jesus com “qualquer pessoa” como possibilidade de ser salvo sem pertencer à Igreja vem aparentemente contradizer a interpretação que se fez da afirmação de São Cipriano “fora da Igreja, não há salvação”. A posição do teólogo é, no entanto, que a salvação continua a precisar da Igreja como mediação, mas de maneira discreta, nos bastidores do mundo, no tecido social, nas relações de proximidade, nos gemidos junto com toda a criação e o Espírito Santo.

O fato de que a proposta teológica de Christoph Theobald possa, não sem razão, incomodar alguns cristãos católicos, torna ainda mais significativo o

---

<sup>25</sup> Christoph Theobald conhece e utiliza, em outras reflexões, o termo criado por Leonardo Boff: cf. Idem, “Eclesiogênese: as CEBs re-inventam a Igreja” in SEDOC, n. 9, 1976, p. 393-438.

uso da categoria de estilo pelo bispo de Roma: “vinte e duas vezes em *Evangelii Gaudium* e dezoito vezes em *Laudato Si*” (THEOBALD, 2016, p.3)<sup>26</sup>. O Papa Francisco não fala do estilo do Cristo, mas do “estilo de vida do Evangelho”. Todavia ele evoca a gratuidade e a alegria que se encontram na hospitalidade, e o dom de sua vida. Nessa perspectiva, existe ainda um vínculo entre a hospitalidade e o “cuidar da fragilidade” que é específico do estilo de vida segundo o Evangelho:

O critério de discernimento é claramente apresentado no que *Evangelii Gaudium* chama de “estilo de vida do Evangelho” (EG, 168), em cujo cerne encontra-se a gratuidade ou “o princípio da primazia da graça” (EG, 112), portanto, a alegria. Esse estilo encontra sua forma última no itinerário de Jesus, evocado várias vezes, “a entrega de Jesus na cruz é apenas o culminar deste estilo que marcou toda a sua vida” (EG, 269) (THEOBALD, 2016, p.5).

É nesse contexto conflituoso que, voltando então ao Evangelho do Reino de Deus, o Papa explica a especificidade cristã do estilo de vida alternativo que ele implica. Podemos resumir suas palavras no apelo a “cuidar da fragilidade” (EG, 209-216), pois esse apelo diz respeito à dupla fragilidade apontada por Francisco, a dos pobres e a da terra (THEOBALD, 2016, p.6).

Além disso, ao falar de “um estilo profético e contemplativo” (THEOBALD, 2016, p.15), podemos pensar nos “*passseurs*”, que para o teólogo são esses homens e mulheres santos que “permanecem de pé” no meio da violência, da desestruturação da sociedade e das ameaças que pesam sobre a criação, porque vivem de maneira autêntica, seguindo sua consciência, adotando a “regra de ouro” de maneira desmesurada, assumindo sua unicidade com paz e sendo capaz de “colocar-se no lugar de outrem sem deixar seu próprio lugar” (THEOBALD, 2009, p. 134).

Em conclusão, esse diagnóstico histórico-teológico levou o nosso teólogo a perceber que o discurso da Igreja, suas liturgias e suas instituições não são mais “sacramento da salvação”, simplesmente porque não falam mais aos contemporâneos e não são mais sinais legíveis, em um contexto de exculturação do cristianismo. Trilhar novos caminhos, escolhendo por objeto

---

<sup>26</sup> Ver também a conclusão de *Selon l'Esprit de Sainteté* (THEOBALD, 2015, p.487-495).

formal da teologia a fé elementar na vida, e repensando a tradição em termos de estilo, permitiu a gestação de novas categorias teológicas, como por exemplo: a hospitalidade, o *passer*, o *engendrement*... Assim, uma nova linguagem está surgindo e essa novidade atinge igualmente a Igreja, exigindo uma conversão das mentalidades e dos corações. Mas se os ensinamentos do Papa atual parecem ratificar a proposta de Christoph Theobald, será que isso é suficiente para convencer os próprios cristãos católicos da pertinência da proposta e da necessidade urgente das mudanças radicais que ela implica? O que pode contribuir à credibilidade da proposta do cristianismo como estilo é, finalmente, mostrar que isso não é uma simples intuição, mas a matriz de um novo modo de fazer teologia.

## Uma teologia sistemática segundo o Espírito de Santidade

A introdução de *Selon l'Esprit de Sainteté* indica que o propósito desse livro é apenas investigar sobre “ambas as condições, teológicas e históricas, da gênese possível de uma teologia sistemática para nosso tempo” (THEOBALD, 2015, p.10). Contentar-nos-emos aqui em apresentar algumas das tensões às quais o cristianismo como estilo se confronta em termos de teologia sistemática e, na sequência, retomaremos os pontos essenciais de uma teologia sistemática em gestação.

No final de *Le Christianisme comme style*, o autor cita a primeira carta aos Tessalonicenses, mostrando que essa carta contém “muito poucas elaborações doutrinárias” e “encontra sua credibilidade na coerência estilística, ou mesmo ‘eucarística’ da existência apostólica” (THEOBALD, 2007, p.1047). Em 2012, falando do seu itinerário teológico, o autor evocava sua inquietação a respeito da coerência entre a maneira de fazer teologia que ele já havia desenvolvido e o seu próximo passo que seria elaborar um certo tipo de teologia sistemática:

[...] usar a terminologia da “dogmática”? Mas ela seria em contradição com o paradigma estilístico [...], mesmo se o símbolo da fé permanece estruturante na teologia cristã. Ou

falar em termos de teologia sistemática? Mas não seria reintroduzir um modelo de racionalidade especulativa ou estratégica que não convêm ao “evento” do qual trata-se de dar conta; evento que é único porque crístico, e, ao mesmo tempo, sempre emerge de maneira imprevisível aqui e agora.

Estou sonhando com um trabalho que não contradiria, na sua própria forma, a forma evangélica que assume a fé hoje; uma obra que guardaria o caráter iniciático que consegui manter nos meus cursos, embora organizados ainda segundo os velhos tratados: Cristologia e Trindade, antropologia e criação, eclesiologia, sacramentos e agir cristão, etc. (THEOBALD, 2012, p. 332, tradução nossa)

Será que a teologia de Christoph Theobald, para permanecer coerente com o princípio estilístico, não pode ou não deveria renunciar a produzir um conteúdo doutrinal? Mas, sem propor um conteúdo, será que a teologia não chega a um impasse? Sem o papel de instância normativa e regulatória da doutrina, será que a unidade da Igreja católica se sustenta? Perguntas como essas foram objeto de autoquestionamento e combate interior para o teólogo jesuíta, leitor rigoroso e crítico dos grandes monumentos da teologia dogmática e herdeiro da filosofia alemã. Ele não rejeita os dogmas nem renuncia ao enraizamento eclesial da teologia, mas alerta para o perigo de uma teologia - e de uma Igreja - incapaz de gerar novidade ou de acolher a novidade que surge no mundo, e, por conseguinte, incapaz de transmitir a fé. Portanto, já na introdução de *Selon l'Esprit de Sainteté*, percebe-se que o autor está preocupado em manter a “unidade confessional da fé” que buscava Karl Rahner por meio de suas fórmulas breves (THEOBALD, 2015, p.19). O desafio é de passar dos edifícios monumentais que são as teologias sistemáticas clássicas a um “acampamento leve” (THEOBALD, 2015, p.9), de permitir a flexibilidade sem tirar a solidez. Christoph Theobald procura, sobretudo, algo que tenha essa capacidade de “gerar” algo novo: não se trata de oferecer um conteúdo pronto a crer, mas favorecer um processo de apropriação que permita a todo leitor/ouvinte expressar sua fé com suas próprias palavras em cada geração e cada cultura. Por essas razões, ele propõe a analogia com a gramática gerativa de Noam Chomsky que “gera todos os enunciados de uma língua e representa o

saber intuitivo que os sujeitos falantes possuem acerca da formação de seus enunciados” (THEOBALD, 2015, p. 32<sup>27</sup>).

Em vista das tensões ainda não definitivamente resolvidas, o autor prefere usar uma outra analogia, aquela da composição musical, para apresentar os elementos do que poderia ser uma teologia sistemática em gestação. Essa composição nos permite perceber melhor as evoluções da reflexão de Christoph Theobald, entre as categorias que emergiram em 2001, presentes em *La Révélation... tout simplement* (a santidade, a hospitalidade, o “*porteur*”, e o “*engendrement*”) e as expressões posteriores, de 2015. De fato, se a santidade permanece a peça chave da cristologia - que só pode ser entendida numa perspectiva escatológica e pneumatológica - surge uma outra chave hermenêutica, a analogia do Reino de Deus, para a antropologia e a teologia política ligada a essa antropologia. A centralidade “nova” do Reino de Deus está ligada ao desafio para a fé de interpretar os sinais messiânicos. E, no que diz respeito à Igreja, na sua forma sacramental e missionária, percebe-se uma insistência maior sobre sua identidade missionária. Devemos ressaltar, enfim, que a matriz da composição permanece sendo as Sagradas Escrituras.

Podemos dizer, finalmente, que o autor acredita não apenas na possibilidade, mas também na legitimidade de elaborar uma teologia sistemática. Todavia, trata-se de um exercício novo que requer muito rigor e criatividade para respeitar os três princípios de sua maneira de fazer teologia “em saída”. Para guardar sua função de gramática gerativa, a estrutura deve ser um “acampamento leve”. Por essa razão, a composição embrionária comporta somente três elementos estruturantes - a cristologia, a antropologia e a eclesiologia - e dois eixos hermenêuticos - a santidade e a analogia do Reino de Deus.

Nas últimas palavras da conclusão do livro supracitado, o autor propõe sair do quadro kantiano para pensar a teologia sistemática em uma perspectiva “ecumênica, aberta à riqueza inesgotável do Evangelho” (THEOBALD, 2015, p.495), capaz de acolher as diversidades internas e externas. É com esse mesmo

---

<sup>27</sup> Essa analogia já se encontra nos Cadernos Teologia Pública nº77 da Unisinos (THEOBALD, 2013, p.6).

espírito, portanto, que os leitores são convidados a abordar a última etapa do presente percurso.

## A urgência de uma transformação missionária da Igreja

Pode parecer estranho terminar a análise da evolução da teologia de Christoph Theobald com um livro destinado ao grande público, sobretudo depois de ter evocado, embora de maneira extremamente sintética, duas grandes obras teológicas complexas e mais acadêmicas, orientadas a um público especializado. Contudo, por diversos aspectos, o livro *Urgences Pastorales du moment présent* parece culminar um itinerário, no qual o autor engaja-se, com todas as forças, no combate contra a paralisia e a perda da esperança. Para fundamentar seu propósito e ser mais convincente, o autor recorre a duas autoridades maiores: o Concílio Vaticano II e os ensinamentos de Francisco, o primeiro papa eleito que foi ordenado depois do Concílio. Vamos revisitar essas reflexões porque elas mostram, de maneira clara e atual, a fidelidade da teologia de Christoph Theobald ao magistério da Igreja Católica e, ao mesmo tempo, a coerência interna e a referência do Concílio tanto para o pontífice como para o teólogo, em vista de postular a “missionaridade” da Igreja.

A primeira autoridade à qual Christoph Theobald sempre se refere é o Concílio Vaticano II, no qual seu pensamento foi gestado. Porém, o Concílio não é somente uma referência, mas uma verdadeira bússola. É como se, no mesmo tempo que a autoridade do Concílio ratifica o discurso do teólogo, esse discurso tentasse provar a capacidade do Concílio a guiar a Igreja no momento presente (LAMBERIGTS *et alli*, 2017, p.8)<sup>28</sup>. Do ponto de vista da interpretação do Concílio Vaticano II a respeito da missionaridade da Igreja, o autor pesquisou muitos documentos: além da *Dei Verbum*, *Gaudium et Spes* e *Lumen Gentium*, ele refere-se a *Ad Gentes*, *Dignitatis Humanae*, *Nostra Aetate* e *Unitatis*

---

<sup>28</sup> Pedro Rubens teve a honra de participar, de 2012 a 2015, como do membro comitê científico e da organização, juntamente com Christoph Theobald, do Colóquio de Paris (13-15/04/2015), com a participação de mais de 100 teólogos e teólogas representantes das diversas regiões do mundo: cf. LAMBERIGTS *et alli*. 50 anos após o Concílio Vaticano II. Teólogos do mundo inteiro deliberam. São Paulo: Paulinas, 2017.

*Redintegratio*. Christoph Theobald parece querer oferecer uma visão coerente por meio do conjunto dos documentos conciliares, porém, não sem apontar, com coragem e honestidade, algumas falhas, especialmente em relação à concepção da missão (p.147) e até contradições, como por exemplo, a diferença de posição entre *Lumen Gentium* (LG1) e *Ad Gentes* (AG 2) sobre a natureza missionária da Igreja (p.433). No mesmo movimento de ratificação recíproca, ele aprofunda um dos questionamentos importantes (que destacamos na segunda parte) em relação ao papel da Igreja na economia da salvação. Ele desenvolve, em diversas partes do livro *Urgences Pastorales*, o tema da graça universal do Cristo e da graça específica dos batizados. Todavia, o teólogo indica também algumas “hesitações” no documento conciliar, como por exemplo, entre *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes* sobre o que é mais central, do mistério pascal ou do povo de Deus, para a salvação dos não batizados:

(O Concílio) Vaticano II hesita a respeito desse ponto. Tratando “daqueles que ainda não receberam o Evangelho”, a constituição *Lumen Gentium* diz que eles “estão de uma forma ou outra orientados para o Povo de Deus” (LG, 16), enquanto a constituição *Gaudium et Spes* é mais cautelosa, falando da “possibilidade dada a todos de se associarem a este mistério pascal” (GS, 22). (THEOBALD, 2017, p.170, tradução nossa)

Em relação à hierarquia das verdades, o teólogo usa essa expressão, que se encontra no decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o ecumenismo (UR, 11), como argumento de autoridade e critério de discernimento pastoral. Um capítulo inteiro do livro (o quinto) é dedicado a esse tema. Esse capítulo é, provavelmente, aquele que faz mais críticas à Igreja atual, como por exemplo, a profissionalização da Igreja, o ideologismo na liturgia, a inadaptação da linguagem oficial com a escolha do Catecismo da Igreja Católica como expressão da fé, etc. No fim do livro, porém, o ardente defensor de Vaticano II, confessa ter duvidado da pertinência do Concílio para hoje: “eu me perguntei várias vezes se o Concílio [...] ainda possuía nele os recursos que permitissem considerar o futuro” (THEOBALD, 2017, p. 465, tradução nossa). Isso é reforçado pelo fato de que o Papa Francisco não se refere muito aos documentos do Concílio - apenas três vezes na *Laudato Si'* (p.12) - sinal de que “nós entramos

em uma nova época”. No entanto, na conclusão, a confiança na relevância de Vaticano II parece ser resgatada quando reafirma “a graça que representa o último Concílio” (THEOBALD, 2017, p. 476).

A segunda autoridade evocada é o Papa Francisco. Deve-se pontuar que, se os documentos conciliares sempre foram uma referência nas obras de Christoph Theobald, não se pode dizer o mesmo dos ensinamentos dos papas. Entretanto, o teólogo europeu parece ter encontrado, no primeiro papa latino-americano e religioso jesuíta, um interlocutor que instiga e impulsiona sua própria reflexão. Além disso, dentro daquilo que busca o nosso teólogo, Francisco privilegia fórmulas breves que sintetizam ideias fundamentais, usando um vocabulário simples e uma linguagem do dia a dia. Além da expressão “Igreja em saída”, três dessas fórmulas breves do Papa parecem ter encontrado um eco particular na teologia de Christoph Theobald, a saber: a “mística do viver juntos”<sup>29</sup> (EG, 87), “O tempo é superior ao espaço” (EG 222-223), “O modelo não é a esfera, o modelo é o poliedro” (EG, 236).

A primeira fórmula, a “mística de viver juntos” faz eco à grande preocupação do teólogo a respeito do desafio que representa o pluralismo, a mundialização e as migrações, em uma sociedade que não sabe lidar com as diferenças, não sabe dialogar nem buscar a verdade conjuntamente. A fórmula usada pelo Papa Francisco sintetiza noções caras ao teólogo, como por exemplo: o outro, com toda sua corporeidade, é um mistério. Essa ideia encontra-se já no livro *A Revelação*: “Encontrar o outro” é o tema do capítulo (THEOBALD, 2006, p. 127-160). Não podemos fugir da relação com o outro e do viver juntos, algo que, na verdade, deveríamos desejar, porque é um lugar de revelação. E, por meio dessa experiência, qualquer pessoa pode entrar na “intimidade de Deus”. Tornar possível viver a fraternidade entre os homens é, portanto, uma maneira de evangelizar. Na segunda fórmula, “O tempo é superior ao espaço”, a expressão deveria ser completada por uma outra, a saber: “dar prioridade ao tempo é ocupar-se mais com iniciar processos do que possuir espaços”. “Iniciar processos” tem a ver com a criatividade da fé e, sobretudo, com o princípio gerativo. Mas essa fórmula nos autoriza também a

---

<sup>29</sup> O autor se refere explicitamente à experiência mística nas páginas 91-94 e 161-64.

sair do esquema paroquial e da lógica territorial para poder inventar outros modelos eclesiais. Enfim, com a última fórmula, “o modelo é poliedro”, Christoph Theobald argumenta em favor de uma Igreja carismática, diversa, ecumênica. A imagem do poliedro permite falar também de flexibilidade. Podemos até fazer um paralelo entre a dupla esfera/poliedro e a dupla sagrado/santidade. A Igreja em saída só pode ser poliédrica se ela aceitar permitir a geração de novos jeitos de ser Igreja. Ela só pode ser composta de santos, cada um sendo santo à sua maneira, se ela quiser, de fato, abranger todos aqueles que precisam ser salvos.

Para concluir, podemos perceber que o que está em jogo é muito mais que a justificação de uma tese teológica. Trata-se da credibilidade da Igreja para a esperança da humanidade. Nesse sentido, era necessário verificar a coerência entre os textos do Concílio Vaticano II e uma visão de uma Igreja em saída, porque missionária por essência. Era necessário fazer isso com humildade, reconhecendo as falhas, sem perder a confiança que esses documentos conciliares têm ainda uma pertinência e uma força “gerativa” para a Igreja de hoje. Outra fonte de confiança e de esperança é a figura do Papa Francisco que encarna o estilo do Evangelho. Ele é o exemplo vivo do cristianismo como estilo. Além disso, com ajuda de algumas expressões simples, o Papa permite pensar a Igreja e a sociedade com outros esquemas de pensamento. Isso é de uma grande ajuda quando se trata de despertar as consciências a respeito da necessidade de uma mudança urgente da Igreja europeia, para ela tornar-se verdadeiro sacramento da salvação para toda a humanidade.

### À guisa de conclusão: aberturas

A nossa releitura de algumas obras do teólogo europeu, Christoph Theobald, em busca dos pontos de convergências com as orientações do Pontificado de Francisco, primeiro papa latino-americano, foi um bom exercício que não pode terminar aqui. Primeiro porque ambos ainda estão trabalhando “a pleno vapor” e não temem aprender com as experiências de uma história

aberta: o papa e o teólogo estão em movimento, inquietos, vigilantes e críticos quanto às “zonas de conforto”. Em segundo lugar, porque, certamente, haveria outros pontos de convergências relevantes entre os dois, como por exemplo, a busca de refletir e exercitar a sinodalidade da Igreja: Francisco vem realizando vários sínodos e o nosso teólogo refletindo e fazendo refletir sobre o tema da sinodalidade<sup>30</sup>. E, por fim, seria igualmente interessante continuar o exercício em busca também de diferenças e nuances, e até, quem sabe, pontos de discordância entre eles: por exemplo, Christoph Theobald não fala, explicitamente, de opção pelos pobres<sup>31</sup>, nem de religiosidade popular; o Papa não parece um entusiasta dos debates teológicos... Apenas para indicar alguns aspectos que mereceriam dar continuidade à pesquisa, abrindo novas perspectivas.

De nossa parte, porém, não pretendíamos nem poderíamos esgotar o tema, apenas provocar uma aproximação que nos parece inspiradora e, ao mesmo tempo, nos permite manifestar a nossa profunda admiração sobre a maneira como ambos testemunham a fé com coerência entre os atos e palavras e, sem medo, assumem a tarefa da busca incessante de “dar razões da (nossa) esperança perante todos aqueles que dela (nos) pedem contas” (1Pd 3,15), portanto, sem excluir ninguém da interlocução.

A título de conclusão aberta, retomemos alguns pontos de convergência, reabrindo uma agenda de reflexão que o papa do fim do mundo e o teólogo do nosso tempo suscitam:

1. Duas bases comuns são determinantes para ambos: primeiro, a base de experiência espiritual marcada pelos Exercícios Espirituais de Inácio de Loyola<sup>32</sup>, notadamente expressa no desejo de buscar e encontrar Deus em todas

---

<sup>30</sup> Em 17 de outubro de 2015, na segunda sessão do sínodo da família e celebração do 50º aniversário da criação dessa instituição por Paulo VI, o Papa Francisco insistiu, pela primeira vez, sobre a sinodalidade como dimensão constitutiva da Igreja. Na sequência, tivemos o sínodo da Juventude (2018) e mais recentemente o da Amazônia. Por sua vez, Christoph Theobald organizou, de 8-10 de novembro de 2018, o 26º colóquio da revista *Recherches de Science Religieuse (RSR)*, da qual é diretor, com o tema « *La synodalité de l'Église* » (A sinodalidade “da” Igreja): Cf. *RSR* 106/3, juillet-septembre 2018.

<sup>31</sup> Importa ver como o Papa Francisco retoma e “universaliza” o tema latino-americano da opção pelos pobres: cf. AQUINO JUNIOR, F.; RUBENS, P. Atualidade da opção pelos pobres para a Igreja e a Teologia. *Didaskalia*, Lisboa, v. XLIV, 2014/2, p. 147-165.

<sup>32</sup> Cf. Edição brasileira: Santo Inácio de Loyola. Exercícios Espirituais. São Paulo: Loyola, 2000. Fronteiras, Recife, v. 2, n. 2, p. 90-114, jul./dez., 2019

as coisas, o Sentir com a Igreja; em segundo lugar, a autoridade do Concílio Vaticano II como referência e bússola.

2. A importância e o desejo do encontro direto com as pessoas como elas são e onde estão, para escutar, aprender e responder aos seus anseios: isso como experiência do Deus que se revela a si mesmo na humanidade<sup>33</sup>.

3. Necessidade de discernir os sinais dos tempos, atentos à Palavra de Deus, mediante a escuta das Escrituras e dos clamores de todo aquele que nos interpela, em suas questões ou em seu sofrimento.

4. A centralidade do Evangelho como força (*dynameis*) de Deus para todo aquele que crê (Rm 1,16). Nesse passo, a teologia, os dogmas, as estruturas e as regras ficam não apenas em segundo plano, mas referidas, questionadas e iluminadas pela dinâmica e a alegria do Evangelho.

5. A visão dinâmica da fé implica uma teologia como ato segundo, capaz de repensar sua própria tarefa e método, em vista de comunicar a Boa Notícia do Reino; e, o próprio dinamismo da fé revela que a Igreja está a caminho, em processo (“eclesiogênese”) e, portanto, que é profundamente missionária.

A Igreja em saída e a teologia em saída expressam, enfim, a maneira aberta e dinâmica como o Papa e o teólogo escutam os grandes apelos da humanidade, assumem os desafios da sociedade contemporânea e abraçam a própria missão a serviço da Igreja, para a maior glória de Deus. E, na perspectiva de Santo Irineu, a glória de Deus é o ser humano vivendo plenamente<sup>34</sup>.

## Referências

AQUINO JUNIOR, Francisco; RUBENS, Pedro. Atualidade da opção pelos pobres para a Igreja e a Teologia. *Didaskalia*, Lisboa, v. XLIV, 2014/2, p. 147-165.

---

<sup>33</sup> Visível no Papa Francisco, o valor do encontro é, igualmente, uma marca de Christoph Theobald: cf. *A Revelação*, *op. cit.*

<sup>34</sup> «A glória de Deus é o Homem vivente, e a vida do Homem é a visão de Deus. Pois se a manifestação de Deus que é feita por meio da criação, permite a vida de todos os seres vivos na Terra, muito mais a revelação do Pai que nos é comunicada pelo Verbo, comunica a vida àqueles que amam a Deus». Irineu de Lyon. *Adversus haeresis*, IV, 20, 7.

AQUINO JUNIOR, Francisco. **Nas periferias do mundo: Fé - Igreja - Sociedade**. São Paulo: Paulinas, 2017.

AQUINO JUNIOR, Francisco. **Teologia em saída para as periferias**. São Paulo: Paulinas, 2019.

BOFF, Leonardo. **Eclesiogênese: as CEBs re-inventam a Igreja**. In : **SEDOC**, n. 9, 1976, p. 393-438.

BÖTTIGHEIMER, Christoph et ali. **50 ans après le Concile, quelles tâches pour la théologie ?** Diagnostics et délibérations de théologiens du monde entier. Paris : Lessius, 2017.

CERTEAU, Michel de. **L'espace du désir ou le «fondement» dans les Exercices spirituels**. In: **Christus**, Paris, v.20, n.77, p. 118, janeiro 1973.

FEDOU, Michel. **Les chemins d'une théologie systématique**. In : **Nouvelle revue théologique**, Bruxelles, v.138, p.436-443, 2016 .

FRANCISCO, Papa. **Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do evangelho no mundo atual**. São Paulo: Pia Sociedade Filhas de São Paulo, 2013.

FRANCISCO, Papa. **Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium* sobre as universidades e as faculdades eclesíásticas**. 2017. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_constitutions/documents/papa-francesco\\_costituzione-ap\\_20171208\\_veritatis-gaudium.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papa-francesco_costituzione-ap_20171208_veritatis-gaudium.html)>. Acesso em: julho 2019.

GENOLINI, Anne Claude Marie. **Pensar a fé e sua transmissão em um mundo que nunca mais será cristão: uma leitura da teologia de Christoph Theobald**. 2018. 101 fl Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Coordenação Geral de Pós-graduação. Mestrado em Teologia, 2018. Disponível em: <[http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/990/5/anne\\_claude\\_marie\\_genolini.pdf](http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/990/5/anne_claude_marie_genolini.pdf)>. Acesso em: set. 2019.

LAMBERIGTS, M.; ROUTHIER, G.; FERREIRA OLIVEIRA, P. R.; THEOBALD, C.; BOSSCHAERT, D. (Org). **50 anos após o Concílio Vaticano II: teólogos do mundo inteiro deliberam**. São Paulo: Paulinas, 2017.

LIBANIO, João Batista. MURAD, Afonso. **Introdução à Teologia: perfil, enfoques, tarefas**. São Paulo: Loyola, 2014.

MENDONÇA, José Tolentino. **A Leitura infinita**. A Bíblia e a sua interpretação. São Paulo: Paulinas/Unicap, 2015.

MIRANDA, França. **A Igreja em transformação**. Razões atuais e perspectivas futuras. São Paulo: Paulinas, 2019.

ROUTHIER, Gilles. À l'origine de la pastoralité à Vatican II. In: **Laval théologique et philosophique**, Laval, v.67, n.3, p. 443-459, out. 2011.

RUBENS, Pedro. **Discerner la foi dans des contextes religieux ambigus**. Enjeux d'une théologie du croire. Paris: Éditions du Cerf, 2004.

THEOBALD, Christoph. **A Revelação**. São Paulo: Loyola, 2006.

THEOBALD, Christoph. As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma "gramática gerativa" das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja. In: **Cadernos Teologia Pública**, Ano X - Nº 77 - 2013. Disponível em: [http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/077\\_cadernosteologiapublica.pdf](http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/077_cadernosteologiapublica.pdf). Acesso em: março 2019.

THEOBALD, Christoph. **Le christianisme comme style** : Une manière de faire de la théologie en postmodernité. Paris: Les éditions du Cerf, 2007.

THEOBALD, Christoph. Le christianisme comme style. In: **RSR**, 85/4, 1997, p. 589-600.

THEOBALD, Christoph. Mon itinéraire au pays de la théologie. In : **Laval théologique et philosophique**, Laval, v.68, n.2, p. 319-333, 2012. Disponível em: <http://www.erudit.org/fr/revues/ltp/2012-v68-n2-n2/1013424ar/>. Acesso em: 26 jan. 2017.

THEOBALD, Christoph. O cristianismo como estilo: acerca do papel dos indivíduos e das comunidades na formação dos sujeitos. **Revista de Teologia e Ciências da Religião da Unicap**, Ano 9, no 1, jan./jun. 2010, p.9-25 (tradução de Véronique Donard).

THEOBALD, Christoph. O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco. In: **Cadernos Teologia Pública**, Ano XIII - Vol. 13 - Nº 112 - 2016. Disponível em: [http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/112\\_cadernosteologiapublica.pdf](http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/112_cadernosteologiapublica.pdf). Acesso em: jul. 2019.

THEOBALD, Christoph. **Selon l'Esprit de sainteté** : Genèse d'une théologie systématique. Paris: Les éditions du Cerf, 2015.

THEOBALD, Christoph. **Transmitir um Evangelho de liberdade**. São Paulo: Loyola, 2009.

THEOBALD, Christoph. **Urgences pastorales du moment présent** : Comprendre, partager, réformer. Paris: Bayard Editions, 2017.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. A linguagem da experiência de Deus, in Id., **Escritos de filosofia. I. Problemas de fronteiras**. São Paulo: Loyola, 1998, p. 241-256.

Trabalho submetido em 16/10/2019.

Aceito em 18/11/2019.

#### Pedro Rubens Ferreira Oliveira

Doutor em Teologia pelo Centre Sèvres, Facultés Jésuites de Paris, fez sua graduação em Filosofia na FAJE, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte (1985-1987) e revalidou na Universidade Católica de Pernambuco (1989); graduação em Teologia na FAJE (1993); mestrado (1996) e doutorado em Teologia (2001), ambos nas Facultés Jésuites de Paris, Centre Sèvres, Paris. De 2002-2005, foi professor de Teologia Fundamental na FAJE, participando igualmente do programa de pós-graduação, mestrado e doutorado. Desde 2006, é reitor da Universidade Católica de Pernambuco; foi eleito presidente da Federação Internacional de Universidades Católicas (FIUC, 2012-) e, em 2013, ex-presidente da Associação Brasileira de Universidades Comunitárias (ABRUC 2013-2017). É professor de teologia, atuando na Unicap no mestrado em Ciências da Religião (2006-2014) e, a partir de 2014, no Mestrado de Teologia (Unicap). Tem formação e experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Fundamental, atuando principalmente nos seguintes temas: discernimento teológico, fé cristã e religiosidade popular, teologia contextual, método teológico, hermenêutica filosófica e teológica. Email: pedro\_rubens@hotmail.com

#### Anne Claude Marie Genolini - França

Possui graduação em Teologia e Filosofia pelas Faculdades Jesuitas de Paris - Centre Sèvres (2014) e Mestrado em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (2018). Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em teologia fundamental. Email: annecorref@gmail.com